

A tragédia do MAM

Foi tão brutal o que se passou na madrugada de ontem que chega a ser difícil admitir que a tragédia tenha de fato ocorrido. O Rio, mal ou bem, é verdadeira caixa de ressonância da cultura brasileira. E o MAM, numa área notoriamente difícil deste País, sempre lutou, desde o início, para sobreviver. Em pouco tempo tinha se transformado numa entidade dinâmica, todos os dias povoado de gente jovem, sobretudo estudantes. Era como que uma jóia que a cidade exibia com justo orgulho.

A diretora-executiva, Heloísa Lustosa, soube do incêndio quando tudo estava consumado, às cinco horas da manhã. Seu filho Pedro voltava para casa e passou em

frénte ao MAM no exato momento em que as chamas cresciam. Foi dos primeiros a se movimentar, mas não conseguiu que o telefone de casa atendesse. Heloísa, abaladíssima, percorreu os escombros ainda fumegantes dos locais onde tem passado a maior parte do seu tempo nos últimos anos. — “Nunca mais vou me esquecer do que vi” — disse ela.

Agora, o Rio — a cidade e o Estado — estão na obrigação moral de reerguer o tesouro que o incêndio consumiu. Um prejuízo de tamanha monta exige que todos participem da reconstrução de uma obra que tem de sobreviver, custe o que custar.

COLUNA

DE

CARLOS
SWANN